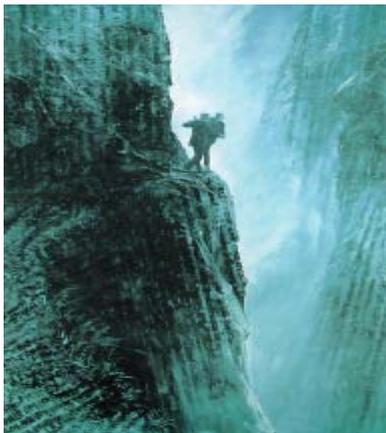


CORPO, ESCOLA, BIOPOLÍTICA E A ARTE COMO RESISTÊNCIA

Maria Rita de Assis César



RESUMO: Ao perguntar sobre o corpo no mundo contemporâneo, em especial na escola, este texto analisa os significados do corpo a partir de dispositivos disciplinares e biopolíticos. Os conceitos de Michel Foucault sobre disciplina e biopolítica são abordados e a escola é tomada como uma instituição que produz significados sobre o corpo no contexto da modernidade disciplinar. Nesta investigação o conceito de biopolítica é ampliado e relacionado com a idéia da sociedade de controle proposta por Gilles Deleuze. Tal perspectiva teórica não apenas revela a crise das instituições disciplinares, dentre elas a escola, como também permite refletir sobre as novas produções de sentido sobre o corpo a partir da análise da questão da obesidade e de seu combate na escola por meio de novos programas sociais. Por fim, a arte de Fernanda Magalhães é apresentada como um largo riso que zomba da verdade médica sobre o corpo na contemporaneidade, problematizando-se assim a abordagem biopolítica da obesidade na escola.

PALAVRAS-CHAVE: Biopolítica; Corpo; Escola; Obesidade; Arte.

ABSTRACT: By questioning the body in the contemporary world, specifically in the school, this text analyses the body's new meanings in light of the disciplinary and the biopolitical dispositives. Michel Foucault's concepts of discipline and biopolitics are discussed and the school is viewed as an institution that produces meanings about the body in the context of disciplinary modernity. In this investigation, Foucault's concept of biopolitics is enlarged and connected with Deleuze's concept of control society. This theoretical approach not only reveals the crisis of our disciplinary institutions, among them the school, but also permits a critical reflection on the body's new meanings as produced by large political programs aiming at combating obesity in the school. Finally, I present some aspects of Fernanda Magalhães' art, presented as a critical mockery against the new biopolitical approach to obesity and the contemporary body.

KEYWORDS: Biopolitics; Body; School; Obesity; Art.

1. INTRODUÇÃO

Quais os lugares do corpo no mundo contemporâneo? A escola permanece como um lugar privilegiado de produção de sentidos para o corpo? O que significa cuidar do corpo? Quase trezentos anos depois de Harvey e Cuvier (FOUCAULT, 1995: 140 e 160) terem produzido verdades que ainda hoje dão sentido ao corpo em funcionamento, este permanece nos assombrando e fascinando. Após meia década de estudos que historicizaram e desnaturalizaram o corpo, este permanece nos intrigando. Mais contemporaneamente as possibilidades de transformação corporais e a busca pelo corpo magro e saudável traduzido nas incontáveis dietas, tabelas de calorias, alimentos funcionais, fitas métricas, adipômetros, os aparelhos de bioimpedância, que medem, auscultam, transpassam, beliscam e penetram com correntes elétricas nossos corpos produzindo verdades sobre a nossa saúde como as taxas de colesterol, triglicerídeos, LDL, HDL e IMC. Este arsenal de guerra, além das intervenções cirúrgicas contra um corpo gordo e conseqüentemente doente, certamente é um poderoso produtor de sentido no mundo contemporâneo. Por outro lado, a escola e as demais instituições que tiveram um papel preponderante na produção do corpo a partir do século XIX, com ginásticas, exercícios, comportamentos, das mais simples até as complexas tarefas que deveriam ser executadas milimetricamente com o corpo. O ensino da escrita que mobilizava músculos e tendões dos pés a cabeça. Em tempos de crise institucional esse papel permaneceu o mesmo? É certo que o papel da escola em relação ao corpo tenha se transformado, mas em que medida? Quais são os termos dessa transformação do papel da escola em relação à produção do corpo contemporâneo?

Este texto percorre alguns lugares epistemológicos por meio dos quais as interrogações sobre o corpo foram tornadas possíveis em especial a instituição escolar. Para tanto, desenvolve algumas reflexões

sobre os conceitos de vida, disciplina e biopolítica na obra de Michel Foucault, centrais aqui para pensar o lugar do corpo na modernidade. Entretanto, ao ampliar temporalmente esta análise os conceitos lapidados por Foucault são tensionados para que seja possível compreender, o limite e os deslocamentos na contemporaneidade. Por fim, Em se tratando das nossas práticas e saberes contemporâneos sobre o corpo, o que significa resistir? Há territórios corporais possíveis de produções de resistências? Na possibilidade de pensar as resistências à uma biopolítica do corpo saudável trago para a discussão uma obra da fotógrafa e artista plástica Fernanda Magalhães sobre o corpo gordo.

2. DISCIPLINA, BIOPOLÍTICA E ESCOLA

A modernidade, compreendida nos termos de Michel Foucault, entre o final do século XVIII e o século XX, trouxe consigo todo um conjunto de procedimentos discursivos e institucionais sobre a educação e produção do corpo. Foucault foi o autor que, na maior parte de sua obra, dedicou-se a compreender todo um sistema de exercícios corporais que foram a expressão da ação do poder na modernidade. Para Foucault, o corpo foi a peça central sem a qual o poder não teria condições de ser exercido. Para este autor, modernidade e disciplinarização dos corpos são correspondentes, visto que ao descrever o funcionamento da sociedade moderna, a partir do final do século XVIII, Foucault descreveu o funcionamento de uma série de dispositivos disciplinares, presentes no interior das instituições que tomaram o corpo como objeto de sua ação.

Ao iniciar o seu texto sobre a disciplina do corpo, *Vigiar e Punir*, Michel Foucault evocou a imagem do “corpo máquina” de Offray de La Mettrie. Para este médico francês do século XVIII, o corpo dos homens seria como uma máquina e não se distinguiria em nada do corpo dos animais. Empenhado na construção da idéia do “homem máquina” La Mettrie negou até mesmo a existência do espírito, afastando-

se do dualismo cartesiano. Para este médico, a diferença entre homens e animais se dava apenas pela diferença do “ponto de fermentação” da massa que compunha o homem, tamanha era a sua convicção em um corpo articulado e em movimento. (ROUANET, 2003: 38)

Para Foucault, o “corpo máquina”, por seu elemento de automação, foi o antecessor e da possibilidade de existência de um “corpo organismo” insuflado pela vida, fundamental para a ação dos exercícios disciplinares. Afinal, a idéia de vida adveio da possibilidade de se pensar um corpo composto por um conjunto órgãos e sistemas em funcionamento, isto é, digestão, circulação, respiração, os quais, em ação, produzem a vida. O surgimento da idéia de vida em funcionamento como elemento fundamental para a abordagem do corpo e, conseqüentemente, do homem, remete-se ao nascimento da biologia como campo de interrogação sobre o homem e sobre a vida. A partir desse momento, o homem foi tomado como uma expressão da vida biológica, como um organismo, e o corpo como unidade biológica e lugar da vida humana. Foucault delimitou, em *As palavras e as coisas*, o surgimento da biologia como sendo decorrente de uma grande transformação do solo epistemológico que, estabelecido no século XVII, descrevia animais e plantas no interior de um saber denominado como História Natural. A descoberta da circulação sanguínea, descrita por Cuvier, foi o momento em que a vida se impôs soberana, provocando um deslocamento entre o “corpo máquina” e o “corpo biológico”.

A noção de “vida”, que produziu o “corpo organismo” e posteriormente deu origem ao “corpo espécie”, que por sua vez foi também matéria para novas formas de exercício do poder. Tais possibilidades epistemológicas sobre o corpo impuseram um conjunto de idéias que transformaram as condições de possibilidade de produção de saberes, discursos e práticas, configurando as diferentes instituições que tomaram o corpo como matéria dos exercícios e produtor de subjetividade. Assim, do esgotamento das

formas de classificar e ordenar a paisagem do mundo, em um lugar anterior à modernidade, a idéia de vida surgiu impondo outras formas de interrogação, não somente sobre o corpo, mas também sobre todas as possibilidades de produção do conhecimento. (FOUCAULT, 1995: 279-81)

Todavia, para o poder disciplinar o “corpo vida” não irá substituir o “corpo máquina”, mas sobrepor-se a ele, pois a composição de peças e engrenagens que constituem o autômato que responde ao estímulo com o movimento correto, a inspiração do “corpo máquina”, foi fundamental para o desenvolvimento da disciplina corporal e seus ínfimos controles do corpo. Assim, a sobreposição entre “corpo máquina” e “corpo vida” acabou por configurar o “corpo disciplinado”; afinal, no desenvolvimento das disciplinas o princípio do “corpo máquina” é aquilo que possibilita o exercício exaustivo sobre o corpo. Assim, segundo Foucault, o princípio da disciplina sobre o corpo irá agir “(...) no seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, a sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos – tudo isso assegurado por procedimentos de poder que caracterizam as disciplinas: anátomo-política do corpo humano” (FOUCAULT, 1984a: 131). O modelo escolar da sala de aula foi descrito por Foucault, em *Vigiar e Punir*, como o paradigma moderno da disciplinarização dos corpos, e ainda como *locus* privilegiado da realização exaustiva dos exercícios, dos exames, das punições e recompensas.

Além do princípio da disciplina, Foucault também descreveu o exercício do poder na modernidade por meio de outro conceito, investigado a partir da organização do conceito de sexualidade. Esta outra forma de exercício do poder, o biopoder apareceu com um conceito distinto da disciplina e a partir desta outra *demarche* analítico-conceitual a biopolítica foi estabelecida como forma de re-encontrar o Estado e suas formas de exercer o poder na modernidade. Se a disciplina recortou o corpo na sua

individualidade para a reprodução controlada dos exercícios e a produção dos corpos dóceis, o biopoder tomou o corpo, a partir do dispositivo da sexualidade no conjunto da população engendrando o exercício de governo da vida. O sexo e as práticas sexuais foram retiradas das ordenações religiosas e jurídicas e passaram a habitar os consultório médicos e psiquiátricos como forma de organização da subjetividade. Em suas análises desenvolvidas na *História da Sexualidade Vol. I – A vontade de saber*, Foucault percebeu que o sexo e as práticas sexuais foram tomadas como o ponto para o exercício do biopoder. Por intermédio da sexualidade o poder soberano do Estado teve acesso à população, atingindo os indivíduos no seu conjunto controlando dos nascimentos, das mortes, as práticas sexuais, as epidemias e endemias, além das novas determinações sobre as formas de moradia, urbanização das cidades, instrução e do trabalho. Tomando os corpos em conjunto e aplicando-lhes um conjunto normativo de regras ditadas pelo novo poder de soberania, que por sua vez havia subtraído o próprio soberano, atuando por meio dos saberes médicos e psiquiátricos e produzindo um controle sobre a vida. (FOUCAULT, 1999: 293)

Tanto quanto para o surgimento das disciplinas e do poder disciplinar, o poder sobre a vida foi fundamental para o aparecimento de uma série de intervenções e controles reguladores que produziram uma biopolítica da população. (FOUCAULT, 1984a: 131) Ao seguir com sua análise sobre o exercício do biopoder Michel Foucault afirmou a função normalizadora como um efeito do poder centrado na vida e na sua produção, classificando-a e excluindo-a por meio da norma. Para ele: “Um poder dessa natureza tem de qualificar, medir, avaliar, hierarquizar (...) não tem que traçar a linha que separa os súditos obedientes dos inimigos do soberano, opera distribuições dentro da norma”. (FOUCAULT, 1984a: 135) Assim, a disciplina sobre os corpos individuais e a biopolítica sobre as populações compuseram, conjuntamente, todo um arsenal de aparatos dentro das instituições

que configuraram a sociedade moderna sob uma forma específica de governo, operando dentro da lógica normativa produzindo formas específicas de governo dos corpos das mulheres, dos casais, das crianças, dos trabalhadores, etc. Esse exercício do poder de governo dos corpos e populações foi posteriormente denominado de governamentalidade. (FOUCAULT, 1984b: 277)

O aparecimento da escola tanto como lugar da disciplinarização dos corpos infantis e das formas de controle e produção de saberes sobre as crianças, quanto o lugar de governo da infância, foi posteriormente demonstrado em investigações historiográficas sobre a instituição escolar. Immanuel Kant, que para Foucault foi o personagem central da invenção da modernidade, em suas reflexões sobre a pedagogia (1776) definiu a escola como o lugar por excelência da disciplinarização do corpo da criança. (VEIGA-NETO, 2000) Nas palavras de Kant: “Enviem-se em primeiro lugar as crianças para a escola não com a intenção de que elas lá aprendam algo, mas com o fim de que elas se habituem a permanecerem tranquilamente sentadas e a observar pontualmente o que se lhes ordena” (KANT, 1996: 16). Além disso, ao chamar o Estado para a organização dos sistemas de ensino, Kant estabelece uma relação clara entre governo e educação da infância. Isto é, uma educação que se dê na forma de um governo sobre as crianças, não por meio da força, mas por meio da razão.

Além da obrigatoriedade da educação para a infância, que foi estabelecida em alguns Estados europeus entre as últimas décadas do século XVIII e as primeiras do XIX, também nesse período a pedagogia apareceu como uma cátedra específica nas universidades alemãs, marcando uma preocupação com formação específica e regulada do exercício da docência no interior da escola. (DUSSEL; CARUSO, 2003: 111) Kant em seus textos sobre a pedagogia estabeleceu os parâmetros a partir dos quais a instituição escolar deveria ser pensada a partir do Estado como o lugar de organização

do sistema de ensino, desde as próprias relações com o governo, até os métodos de ensino. Mesmo com todas as determinações metodológicas expressas no texto do filósofo, a idéia central apresentada foi a necessidade da cuidadosa intervenção sobre o governo dos corpos e almas infantis que irá engendrar o processo de escolarização no decorrer do século XIX e XX, por meio de um processo que poderá ser descrito como uma biopolítica da infância.

A configuração dos sistemas educacionais nacionais, na sua face mais acabada, se deu longo no decorrer de um longo processo que atravessou o século XIX e por sua vez suplantou diversas formas existentes de instrução. A escola se impôs como lugar exclusivo da educação da infância em uma tarefa que implicou em operações complexas de oposição e principalmente negociações com as diversas formas de instrução existentes. (PINEAU, 2005: 31) O aparecimento da escola como lugar exclusivo da educação da infância, nessa perspectiva, deverá ser tomada como uma operação biopolítica, na medida em que foi o Estado que tomou para a si a tarefa de educar a infância.

Nesse longo processo de configuração da instituição educacional haverá a reapropriação de elementos presentes em outras experiências educacionais anteriores, ou de outra natureza, como o currículo, o horário, o espaço fechado, além da aplicação de novos dispositivos. Dentre estes estabeleceu-se um conjunto de regras, leis e decretos que cercaram todo o funcionamento das instituições escolares, da arquitetura até os métodos pedagógicos, assim como as punições e os prêmios que, distribuídos no interior universo escolar, trouxeram a tarefa da instrução infantil exclusivamente para o interior da escola. Nessa conjugação entre escola, instrução e infância, que estavam anteriormente dispersos em tarefas não relacionadas entre si, serão estabelecidos os instrumentos de governo, isto é, além da própria instrução, as medidas higiênicas e alimentares de saúde física e moral. Na aliança entre

Estado, pedagogia e medicina todos os aspectos da vida das crianças no interior da escola serão escrutinados; as brincadeiras de pátio, a merenda, as vacinas, os exercícios físicos, a higiene corporal, a escrita e a matemática, tudo será tomado com o mesmo grau de importância, em um sistema de controle no qual as revistas corporais e os exames comporão partes de idêntica importância no processo da educação escolarizada. O governo da infância cercará as vidas das crianças em todos os aspectos produzindo efeitos normalizadores, por meio das ações de classificar, hierarquizar, nomear e excluir os corpos infantis.

3. DA CRISE DISCIPLINAR AS TRANSFORMAÇÕES BIOPOLÍTICAS

O próprio Foucault demonstrou que os limites temporais do modelo disciplinar estavam demarcados e que este havia entrado em crise na segunda metade do século XX. Gilles Deleuze seguindo as pistas de Foucault demonstrou a crise disciplinar por meio da crise dos modos de confinamento como a prisão, o hospital, a fábrica, a escola e a família. Para Deleuze, os confinamentos da disciplina eram moldes produtores de subjetividades, ao passo em que os novos controles são uma “modulação”, isto é, uma moldagem que pode ser transformada continuamente, produzindo uma situação flexível da subjetividade que é a chave do controle. (DELEUZE, 1996) As antigas instituições, como a fábrica, o hospital, a prisão e a escola se transformaram em empresas, modificando a gramática que havia sido produzida pela sintaxe disciplinar, que se torna obsoleta nesta sociedade de controle. Se na sociedade disciplinar o corpo e a vida formam matéria farta para o exercício da disciplina e do biopoder, produzindo e governando os corpos, a sociedade de controle, tanto como um novo modelo de sociedade ou como a intensificação da anterior, (HARDT, 2000) também toma o corpo como substrato de sua ação.

Se, por um lado a sociedade disciplinar deixou de existir, por outro lado há toda uma

intensificação dos controles sobre o corpo, que poderão ser traduzidos em uma ampliação e transformação da biopolítica, como afirmou Giorgio Agambem em *Homo sacer* (AGAMBEM, 2002). Pensar a biopolítica na contemporaneidade, além da ampliação da necessária ampliação do conceito, trata-se também de uma intensificação do conceito formulado por Foucault entre 1975 e 1976. Permanece a idéia que é central na formulação original, de que em nome da vida em segurança de alguns, outros deverão desaparecer. A partir dessa premissa do cuidado para com a vida e do governo de populações, em um mundo marcado pelas novas modalidades de controle tecnológico, vemos a máxima biopolítica cada vez mais presente, isto é, a morte e o assassinato em nome da preservação, segurança e otimização da vida.

As novas tecnologias de gerenciamento da vida e do corpo são corolários de transformações profundas na forma de produção de conhecimento sobre a vida. Com o advento da biologia molecular e das biotecnologias, o conceito de vida se deslocou para uma idéia de codificação a ser desvendada, o DNA se torna a chave de significação da vida. A partir dessa nova apreensão da vida, o corpo passou a ser tomado como a decorrência de um conjunto de informações que devem ser melhoradas e reproduzidas (SIBILA, 2002). Todavia, após os resultados obtidos pelo mapeamento do genoma humano as expectativas mais eufóricas e imediatistas não tenham se confirmado, pois se constatou que entre nós e o rato, ou a minhoca não existem diferenças tão significativas. No entanto, o código genético se transformou em um poderoso produtor de significados sobre a vida, que vão desde as propagandas de cremes para o rosto como até a venda de carros e celulares. Assim, enquanto o controle genético do corpo permanece como um conjunto de análises futuroológicas que excitam as nossas possibilidades de uma vida mais longa e saudável, já se pratica em consultórios médicos exames sangues que detectam a presença de marcadores para certos tipos de

cânceres, determinando um futuro sombrio, ou um conjunto de novas regras de vida para quem os possui.

Anterior às transformações genéticas, a “ciborguização” do corpo, como definiu Donna Haraway em seu *Manifesto ciborgue*, já está a tempos em curso por meio das intervenções de superfície que ampliam as possibilidades do corpo, como próteses, lentes e medicamentos, de modo que todos nós, de maneira praticamente indistinta, compartilhamos dessa porção ciborgue. (HARAWAY, 1994) O governo dos corpos se transformou em um processo individualizado de gestão e administração do corpo saudável, entendido como magro, leve e flexível. Esta gestão da vida se dá por meio de uma alimentação cientificamente balanceada, exercícios físicos controlados, o controle do estresse e da felicidade.

A idéia do risco para a saúde e para o corpo torna-se central na contemporaneidade tomando contornos biopolíticos fundamentais. O corpo, que já era suporte e produto da matéria disciplinar, convoca uma nova centralidade nas novas modulações biopolíticas. Estabelece-se uma operação de substituição em relação a observação dos objetos, as práticas sexuais, antes lugar de subjetivação e produção de normatização, é substituída pela observação das práticas alimentares, que pode ser compreendida como nova produção de subjetivação. As práticas alimentares saudáveis, como forma de produção subjetiva, diferente da sexualidade que necessitava dos princípios da disciplina, são agora produzidas por um conjunto de práticas moduladoras atribuídas ao sujeito, mesmo na ausência dos princípios institucionais. Essa concepção de modulação biopolítica pode ser observada, por exemplo, nas inúmeras capas de revistas que trazem títulos de matérias sobre emagrecimento sob o título “*só e gordo quem quer*”. Agora a decisão entre ser magro ou gordo é subjetiva e individual, todavia, se a decisão correta não for tomada todos serão punidos, a saúde se deteriora e os gastos com a saúde serão inúmeros. Assim, a “decisão individual” que dirá sobre o caráter, a força de vontade, a

preguiça, a indolência e a incapacidade de não resistir a uma fatia de bolo, dirá quem sou eu. Francisco Ortega em recente livro *O corpo incerto*, em uma cuidadosa análise sobre o corpo contemporâneo definiu essa nova determinação biopolítica sobre o corpo magro e saudável de bioacesse. (2008: 30) Assim, a comida irá ocupar um lugar central nas novas preocupações biopolíticas, lugar antes ocupado pelo sexo e o seu exercício. Para Francisco Ortega: “O tabu que se colocava sobre a sexualidade descola-se agora para o açúcar, as gorduras e as taxas de colesterol. Os tabus passam da cama para a mesa. O glutão sente-se com frequência, mais culpado que o adúltero.” (2008: 41).

A escola contemporânea não passará a margem desse novo processo biopolítico. Desde o início dos anos de 1990, a instituição escolar vem tentando esboçar um novo sentido em virtude da crise das instituições. Ao longo das últimas décadas observamos um vasto processo de reformas atingirem sistemas educacionais no mundo todo. Vimos a escola se transformando de instituição disciplinar às modulações das pedagogias do controle, visto que os dispositivos disciplinares que a instituíram no século XIX já não produzem significados. (CESAR, 2004) No Brasil, com a promulgação das reformas que irão estabelecer *Parâmetros Curriculares Nacionais, Diretrizes Curriculares*, além de uma série de medidas que vão dos ciclos de ensino à formação continuada de professores, encontramos-nos com a tentativa de estabelecimento de novos sentidos para a escola.

Todavia, novos e velhos sentidos se encontram na escola contemporânea. Ao longo do século XX, a sexualidade foi matéria de vigilância, cuidados e prescrições. Confirmando as asserções biopolíticas a sexualidade penetrava o âmbito da instituição escolar com forma de controle das práticas sexuais dos jovens e das crianças e, sobretudo como controle do risco, ora gravidez, ora das doenças sexualmente transmissíveis. Posteriormente, com os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, a sexualidade passou a ocupar definitivamente

um lugar explícito nas novas configurações curriculares. Além da sexualidade outros temas, denominados transversais começaram a ser destaque nos currículos, a ética, a cidadania, o meio ambiente e novamente a saúde. Assim, no âmbito de uma reconhecida crise da instituição educacional se observa uma colonização do discurso currículo escolar, por meio desses novos temas pedagógicos, que por sua vez demonstram as transformações profundas em relação ao sentido da educação escolar contemporânea.

Especialmente na última década a boa forma e o corpo magro começam a tomar um lugar importante nas preocupações escolares. Ainda que a saúde nunca tenha deixado de ser um foco importante das preocupações escolares, percebe-se agora um deslocamento mais incisivo para a idéia de produção do corpo magro e saudável, embora as ações de medir e pesar os corpos tenham sido já constitutivos das pedagogias higienistas no decorrer dos séculos XIX e XX. Carmen Lúcia Soares encontra a medida já está presente como categoria fundamental sobre o corpo nos manuais de ginástica do século XIX. Todavia, para a autora na escola contemporânea esta medida será atualizada por meio de transformações científicas e tecnológicas, além de uma preocupação crescente com a juventude, a saúde e a obesidade. (2006: 76) Desse modo, os novos programas irão uma vez mais tomar as medidas corporais de crianças e jovens no interior da escola instaurando um dispositivo denominado por Soares de um novo higienismo (2006: 82). Redefinidos os novos parâmetros relativos à magreza e saúde estes serão a tônica dos programas escolares contra a obesidade infantil. Tomam-se medidas de cintura, abdome, coxas, peitoral, calcula-se o IMC e se realiza a temível equação sobre a circunferência abdominal, igualmente como realizado por academias de ginástica, consultórios de médicos e de nutricionistas, e assim como também foi ensinado nas inúmeras revistas e programas televisivos sobre o tema, estabelecendo-se uma nova pedagogia do corpo magro.

Os especialistas sairão de seus consultórios, gabinetes e centros de pesquisa e partirão rumo à instituição escolar em uma cruzada contra a obesidade na escola, o lema será “fechar o cerco”. Aferições, exercícios, novas merendas e sobretudo, um novo estilo de vida, magro e saudável. Desse modo, instrumentos de medida, velhos e novos, re-habitarão e re-significarão o interior da instituição escolar produzindo talvez o novo “mau-aluno”, que agora será o “aluno obeso”. A obesidade será agora o novo lugar da indolência e da falta de caráter no interior da escola, que por sua vez, induzirá a produção deste aparato biopolítico para o controle das medidas em nome da saúde física e moral da população escolar. Novas formas de proporcionar a alimentação no interior da escola são observadas, pois esta deverá ser balanceada e diferenciará os alunos “normais” dos “obesos”, que por sua vez receberão lanches de cores diferentes. A caixa azul com bolo de chocolate e a caixa vermelha com maçã.¹ Tudo isso em nome da saúde da criança e da população.

Os novos postulados sobre o corpo saudável na escola visam uma transformação de maior amplitude. Ao constatar a obesidade em crianças cada vez mais jovens no interior da instituição escolar, após a aplicação dos programas desenhados por especialistas, estas se converterão, além de crianças magras, ativas e saudáveis, também em emissárias da “boa forma”, isto é, multiplicadoras das boas maneiras à mesa, ou do novo estilo de comer. Não importa mais se a comida será saborosa, importa que a refeição seja balanceada, esta sim a chave dos procedimentos alimentares nesse novo universo biopolítico. Quando os especialistas projetam “fechar o cerco” contra a obesidade escolar, significa um conjunto de medidas que vão desde detecção do “mal” até a prática de exercícios físicos e a aquisição de novos hábitos alimentares, em nome da saúde das crianças e de suas famílias que serão também beneficiadas por este novo saber adquirido na escola. Assim, depois de convertida à boa forma, a criança irá também transformar os hábitos alimentares e de

saúde de toda sua família contribuindo para o aparecimento de uma população magra, ativa e saudável. Todavia, tais medidas nas escolas, provocam uma série de reações que vão do desconforto em relação à balança ao choro como reação ao leve beliscar do adipômetro, sobretudo, aquilo que se percebe como produto desta cruzada é o ato de classificação, nomeação e evidência da tal “criança obesa”. Nesta lógica a nova anomalia escolar deixará de ser a criança indisciplinada, pois está estará farmacologicamente tratada e sedada, mas a criança obesa, que renitente as investidas pedagógicas deverá ser o novo alvo da medicalização. Esse novo contingente de pessoas gordas e obesas resistentes às políticas de saúde e da prática de exercícios, serão um peso econômico ao Estado, pois segundo esta lógica certamente contrairão graves doenças em virtude da sua fraqueza de caráter, defeito de personalidade e debilidade da vontade. Estes novos “outros” constituirão alvos legítimos de repulsa moral e do ostracismo social (ORTEGA, 2008: 47).

4. O RISO DA ARTE E A RESISTÊNCIA

O “corpo contemporâneo”, ciborguizado, modificado, exercitado e até mesmo tornado obsoleto, tal como interpretado e construído por uma variedade de autores, também pode ser concebido dentro da encruzilhada colocada por Foucault em seus últimos escritos, isto é, em termos das formas de “governo de si” e de “governo dos outros”. Assim, as tecnologias corporais, nas suas formas mais variadas de aplicação, podem ser tomadas no interior de uma dupla dobra como define Deleuze, pois, além de ser o produto do controle, são ao mesmo tempo “linhas de fuga” ou as pequenas resistências do tempo presente. Nossos corpos são ao mesmo tempo técnicas “quase-autônomas” de individuação, assim como também são o resultado de técnicas totalizantes das estruturas do controle contemporâneo.² Com essa idéia de “dupla dobra” leio o corpo e o “corpus” artístico de Fernanda Magalhães, fotógrafa e artista plástica que

utiliza os corpos de mulheres gordas, além do seu próprio corpo, em grande parte de sua produção artística.³ Ao dizer não aos controles contemporâneos sobre os corpos, produz uma arte libertária. Dentre os projetos artísticos de Fernanda, analiso aqui o trabalho intitulado *As classificações científicas da obesidade*. (MAGALHÃES, 2006) Nessa obra a artista captura o discurso médico dirigido a ela própria, isto é, o saber médico que insiste em dissertar sobre os riscos da gordura corporal à saúde e à felicidade. Trata-se da fala biopolítica que define e classifica a saúde, a boa forma, a beleza, a leveza, e que também condena Fernanda pela presença da gordura em seu próprio corpo. Em resposta, a artista captura e antropofagiza o discurso médico, que caracteriza os tipos de obesidade determinando os riscos de morte, e constrói uma obra-instalação com corpos de mulheres gordas. O discurso médico afirma – “você tem que cortar a gordura” – e Fernanda responde retirando com a tesoura a gordura do interior dos seus corpos. As formas criadas escapam, se constituem em resistências e linhas de fuga que riem do sisudo olhar biopolítico do discurso médico-científico sobre a saúde e a beleza dos corpos. A artista fotografa os corpos gordos e amplia as imagens para além do tamanho natural dos corpos, depois recorta o interior desses corpos deixando apenas as siluetas ocas. Fernanda corta a gordura, os ossos, as carnes, as veias e tudo mais que possa ser nominado de risco para os seus corpos. Os corpos reduzidos aos seus contornos flutuam vazios e sem peso, suspensos por fios de nylon presos no teto da galeria. São formas que riem das certezas médicas embaralhando definições sobre tamanho, leveza, agilidade, volume e peso, para que nós, visitantes desses corpos, possamos nos alojar em suas resistências.

Os contornos gordos de Fernanda se oferecem a uma interpretação que poderá ser a tradução da ficção da ausência de carnes e órgãos, se apresentando como realização de um “corpo sem órgãos” (DELEUZE & GUATARRI, 1987: 151) que atingiu o peso de uma pluma, pairando sobre o piso das galerias. São corpos que se cansaram dos órgãos e querem licenciá-los, ou antes perdê-los. São corpos contrários ao organismo. Os corpos de Fernanda Magalhães são aqueles que, ao se dobrarem e se abriram para a experimentação, são como nos apresentou Foucault, a produção de nós mesmos como obra de arte.

T & M

Texto recebido em março de 2007.

Aprovado para publicação em junho de 2007.

5. SOBRE A AUTORA

Maria Rita de Assis César é Professora do Setor de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. Endereço eletrônico: mritacesar@yahoo.com.br.

6. NOTAS

¹ Esse procedimento de cores diferentes na embalagem dos lanches das crianças nas escolas vem sendo adotado pela Rede Estadual do Paraná.

² Utilizei a idéia de “quase-autonomia” pois a idéia de autonomia presente nesse texto não corresponde à de um sujeito livre e esclarecido que pode fazer uso da sua liberdade de escolha. Essa “quase-liberdade” diz respeito a um sujeito que, no interior das matrizes do poder e do controle, pode também experimentar diferentes graus de uma certa autonomia nos moldes da resistência ou da produção de si, para Michel Foucault, e das linhas de fuga de Gilles Deleuze.

³ Texto e vídeo apresentado por Fernanda Magalhães no VII Seminário Internacional Fazendo Gênero - UFSC.

7. REFERÊNCIAS

- AGAMBEM, Giorgio **Homo Sacer**: poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.
- CÉSAR, Maria Rita de Assis **Da escola disciplinar à pedagogia do controle**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas, 2004.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. Vol. 3. São Paulo: Editora 34, 1996.
- DELEUZE, Gilles **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- DUSSEL, Inês; CARUSO, Marcelo **A invenção da sala de aula**. Uma genealogia das formas de ensinar. São Paulo: Moderna, 2003.
- FOUCAULT, Michel **As palavras e as coisas**. SP: Martins Fontes, 1995.
- FOUCAULT, Michel **Em defesa da sociedade**. SP: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel **História da Sexualidade Vol. I: A vontade de saber**. RJ: Graal, 1984a.
- FOUCAULT, Michel **Microfísica do Poder**. RJ: Graal, 1984b.
- HARAWAY, Donna *Um manifesto para os cyborgs*. In: HOLLANDA, H. B. (org.) **Tendências e Impasses**. O feminismo como crítica da cultura. RJ: Rocco, 1994.
- HARDT, Michel *A sociedade mundial de controle*. In: ALLIEZ, E. (org.) **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. SP: Editora 34, 2000.
- KANT, Immanuel **Sobre a Pedagogia**. Piracicaba: UNIMEP, 1996.
- LE BRETON, David **Adeus ao corpo. Antropologia e sociedade**. Campinas: Papirus, 2003.
- MAGALHÃES, Maria Fernanda *Classificações científicas da obesidade* In: **[Anais] Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceito**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2006.
- ORTEGA, Francisco **O corpo incerto**. Corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. RJ: Garamond, 2008.
- PINEAU, Pablo *Por qué triunfo la escuela? O La modernidad dijo: “Esto es educación”, y la escuela responsdió: “Yo me ocupo”* In: PINEAU, Pablo; DUSSEL, Inês; CARUSO, Marcelo. **La escuela como máquina de educar**. Três escritos sobre um proyecto de la modernidad. Buenos Aires: Paidós, 2005.
- ROUANET, Sérgio Paulo *O homem-máquina hoje*. In: NOVAES, A. (org.) **O homem-máquina**. A ciência manipula o corpo. SP: Companhia das Letras, 2003.
- SIBILA, Paula **O homem pós-orgânico**. Corpo, subjetividade e tecnologias digitais. RJ: Relume Dumará, 2002.
- SOARES, Carmen Lúcia *Pedagogias do corpo: Higiene, ginástica, esporte*. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- VEIGA-NETO, Alfredo *As crianças ainda devem ir à escola?* In: CANDAU, Vera Maria (org.) **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender**. Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE) RJ: DP&A, 2000.